

Apresentação: Música entretelas

Presentation: Intertwined music

Heloísa de A. Duarte Valente

Universidade Paulista, UNIP.

musimid@gmail.com



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3718382357661831>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3250-6722>

Jhonatan Alves Pereira Mata

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação.

jhonatanmata@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4615632494533159>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3908-5649>

Editorial - Música Entretelas

É com grande satisfação que apresentamos este número da Revista MusiMid. Fruto de um diálogo bastante frutífero com o ativo pesquisador Jhonatan Alves Pereira Mata, que assumiu a coordenação de vários projetos de pesquisa em níveis de graduação e pós-graduação junto à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), dentre os quais *Música para olhos e ouvidos*, Mata de pronto se mostrou entusiasmado em propor um dossiê, por meio de uma chamada aberta a pesquisadores sobre temas para dossiês nesta Revista. Eis que nos chega uma proposta sobre *Entretelas*. Passo a palavra a ele.

Inserida no cenário da indústria audiovisual, a música desempenha um papel significativo na consolidação da cultura e na delimitação de momentos históricos, conforme destacado por Valente (2003/2022) ao abordar composições concebidas especificamente para as mídias. Dessa forma, é possível observar diálogos e tensões entre as telas, sejam elas a da televisão, do cinema, ou aquelas do cenário contemporâneo multifacetado das plataformas digitais. Nesse contexto, os modos de difusão e os repertórios se hibridizam e se “universalizam”, contribuindo para a diluição do sentido de território baseado na exclusividade da geopolítica.

A representação visual daquilo que “nasce” essencialmente sonoro negocia, junto aos públicos e à cultura midiática, imagens e imaginários relacionados a artistas, obras e formas de fruição, conforme analisado nesta edição da Revista MusiMid. Mais do que isso, promove a efervescência de gêneros e formatos musicais, assim como televisivos, alinhando-se à perspectiva de Jost (2015), que anuncia a passagem de um modo de enunciação para uma caracterização de mundo no qual as “diferentes interpretações de gênero são um problema judicial, econômico e comunicacional”.

Reconfigurando tanto grandes produções pertencentes ao mainstream quanto artistas independentes por meio de versões remixadas, o compartilhamento online de conteúdo modifica os perfis dos agentes envolvidos na produção e consumo de música e vídeo. Este fenômeno não apenas propicia a oportunidade para uma representatividade mais plural de artistas e gêneros, como também facilita a adoção de rótulos regionais, frequentemente percebidos como mero “verniz” mercadológico.

A convergência entre “música e imagem” - consolidada internacionalmente a partir da fundação da MTV em 1981 e posteriormente reforçada no Brasil com o advento da MTV Brasil quase uma década mais tarde (1990) - evidencia, por meio do videoclipe, a indispensabilidade do produto na elaboração das imagens associadas aos artistas e na divulgação de sua obra.

Embora o acesso flexível e a liberdade de horário sejam considerados uma das principais razões para a popularidade do streaming, os lançamentos de canções e clipes são divulgados e aguardados com dias de antecedência, por meio de cronômetros que indicam na tela a contagem regressiva para a estreia do material. Os álbuns visuais proliferam, apresentando narrativas imagéticas em sequência, alinhadas à ordem das faixas, desde a primeira até a última.

Em paralelo, destacamos os dados apresentados por Garret (2020) para o site TechTudo, os quais indicam que os serviços de streaming de música foram responsáveis por quase 80% de todo o faturamento da indústria em 2019, movimentando 8,8 bilhões de dólares. Por sua vez, a Netflix, provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, foi responsável, no ano de 2018, por 15% de todo o tráfego de internet do planeta. Nesse contexto, o videoclipe, intrinsecamente híbrido ao combinar elementos de vídeo e música nas telas, emerge como um potencial participante no universo do “mainstreaming”, termo frequentemente encontrado em relatórios contemporâneos sobre o consumo de conteúdo audiovisual.

Para além do videoclipe, as narrativas breves presentes em plataformas como o TikTok reconfiguram tanto a semântica quanto a duração temporal das canções. Em uma outra direção, as séries oferecidas por serviços de streaming têm a capacidade de atualizar canções de décadas passadas, elevando-as novamente ao topo das paradas e até mesmo competindo com produções contemporâneas em premiações do vasto “universo” audiovisual. Um exemplo notável é a faixa “Running Up That Hill” de Kate Bush, lançada em 1985, que recebeu uma indicação ao American Music Awards (2022) na categoria de Música de Rock Favorita devido ao seu sucesso na trilha sonora da série de TV Stranger Things. Outro caso ilustrativo é a canção “Long Long Time” de Linda Ronstadt, lançada em 1970, que, após ser apresentada no terceiro episódio da série The Last of Us (2023), registrou um aumento de 4900% em reproduções na plataforma Spotify.

Ao analisar as interações entre imagem e música, Machado (1997;130) nos conduz à compreensão da existência perene de “obras limítrofes”. Exemplificando essa categoria, temos

produtos concebidos esteticamente como “filmes sonoros”, abrangendo desde “2001: Uma Odisseia no Espaço” (Stanley Kubrick, 1968), cuja introdução se desenrola ao longo de vários minutos de música, e “Carmen” (Godard, 1983) até as chanchadas da Atlântida. Este fenômeno culmina em tendências contemporâneas, nas quais trilhas sonoras específicas para filmes são substituídas por músicas já gravadas e de ampla aceitação popular. Machado (1997, 35) argumenta que o próprio “cinema mudo” nunca foi verdadeiramente silencioso, uma vez que a projeção de imagens era acompanhada pelo som produzido por pianistas, cantores e até mesmo orquestras, presentes nas salas de projeção ou situados atrás das telas.

A vontade de uma instância enunciadora sempre existiu e hoje pode ser percebida em produtos denominados “oficial visualizer” ou “lyric video”, os quais precedem a disponibilização do videoclipe por meio de streaming. Esses elementos situam antecipadamente a audiência na proposta audiovisual a ser oferecida. Assim, a gravação de álbuns - atualmente retomada - e a difusão da música no rádio e na TV passam a alterar profundamente o conceito de performance. Em outras palavras, nos transportam de volta a uma espécie de “máquina do tempo” para compreender o presente e o futuro. Este retorno remete a experiências audiovisuais performáticas menos chanceladas do que o momento mítico em que os irmãos Lumière exibiram as primeiras imagens animadas no Grand Café de Paris. Somos “teletransportados” ao século XIX, quando a música e a representação do corpo que a reproduzia demandavam que toda a performance musical ocorresse “ao vivo”. No século XXI, em plena “era do streaming”, revisitamos a inquietude de Thomas Edison e seu fonógrafo, bem como seu desejo de combinar imagens e sons por meio de registro e reprodução simultâneos.

Nesse contexto, o conceito de “entretelas” para este dossiê foi elaborado a partir de suas evocações metafóricas, mas também de seu uso prático no setor de confecção - seja de vestuário, música ou vídeo. Situado entre o forro e o exterior do tecido, o material tem como objetivo principal estruturá-lo. Com uma perspectiva semelhante, acolhemos propostas voltadas para as relações entre música e múltiplas telas: de que formas possíveis essas estruturas se (re-)estabelecem em textos e paratextos? Em que aspecto tal estruturação pode se tornar sinônimo de enrijecimento de discursos, narrativas, performances, territórios, repertórios e memórias (mas não apenas)? Como avaliar a experiência de escuta dessas canções hoje, pelas plataformas de streaming, num contexto que beira ou atinge a sinestesia? Dessa forma, apostamos em propostas diversas de trabalhos capazes de

fornecer recortes, métodos e modos de olhar (e de ouvir) os tecidos da contemporaneidade, a fim de construirmos nosso "dossiê-patchwork", diverso desde o conceito. Reunimos, assim, seis textos que mesclam estudos abordando sintetizadores e plataformas digitais, passando pelo videoclipe na era do streaming e desembocando no papel da pesquisa sobre música em múltiplas telas em tempos de hibridismo.

Além de servir como base reflexiva para múltiplos textos (e telas), François Jost inaugura nosso dossiê com o texto "Chansons dans le récit audiovisuel. L'auditeur construit". O pesquisador, que é professor emérito de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris, e fundador do Centro de Estudos de Imagens e Sons (CEISME), questiona o papel da música em produções audiovisuais, como filmes e séries. Para o autor, a escolha da canção pode subdividir públicos com base em recortes culturais, geracionais, idiomáticos, entre outros.

Na sequência, Sara Rodrigues de Moraes Bridi (PPGCom-UFJF) aborda a música, ancorada principalmente nas narrativas dos videoclipes, como um local estratégico para a transmidialidade e o estabelecimento de novas relações com a audiência. No artigo intitulado "Retrospectiva Animada de Felipe Castanhari em videoclipe: estratégia 'easter egg' entre a informação e o entretenimento", a pesquisadora apresenta este recurso como um fio condutor de informações que se desdobram em um efeito centrífugo. Ao mesclar informação e entretenimento, a partir do recorte da retrospectiva animada do "youtuber", somos conduzidos a perceber o papel desempenhado pela música na construção dessa narrativa.

Também numa perspectiva de questionamento de gêneros, o autor (QUEM?), com o texto "Nasci com sintetizadores dentro de mim: hyperpop, plataformas e um futuro pós-gênero", questiona os usos musicais e, sobretudo, psicossociais do conceito a partir do Spotify. Entre um presente alicerçado no pastiche e no exagero e um imaginário futurista clichê, o autor e o próprio micro gênero analisado apostam na primeira opção. E acertam.

Laryssa Gabellini (PPGCom-UFJF) avalia o "TikTok como medidor de decibéis no universo musical: o caso de Luisa Sonza e suas cachorrinhas". Pautada nos convites da plataforma ao seu público imaginado, para que as pessoas sejam "autênticas, sinceras e livres, destacando a diversidade do ambiente", a autora desvela táticas de produção e consumo atravessadas pelo digital, com a

apropriação da música para trends, estímulo ao engajamento e o papel do vídeo amador dentro dessa dinâmica de divulgação.

Em “Plataformas musicales: Contribuciones sociosemióticas”, José Luis Fernández apresenta bases metodológicas fundamentadas em uma “sociosemiótica das mídiatizações”, direcionada para a análise de lives nos circuitos de música popular. Nessa pesquisa, o conceito de circuito transcende o âmbito musical, abrangendo fenômenos socioculturais como política, negócios e comércio, construídos como tensões entre diversas circulações e interações entre plataformas e presenças cara a cara, assim como territorialidades. O universo musical, como frequentemente ocorre, serve como uma representação exemplar desse fenômeno, ao mesmo tempo que simboliza um espaço de vanguarda nas transformações da contemporaneidade.

Thayná Bonacorsi (violista, pesquisadora e arte-educadora na Universidade Estadual de Campinas) “alinha” nosso dossiê com o trabalho “Notas de pesquisas e contatos em tempos híbridos”, no qual expõe e compartilha as percepções da pesquisa envolvendo performance e tecnologia. Partindo do impacto percebido em si mesma, em amigos performers e em seus alunos, a autora sentiu-se instigada a compreender o que a pandemia e seu efeito mais latente (o afastamento físico) poderiam gerar no ensino e aprimoramento da performance musical, uma arte historicamente marcada pela presença física.

Agradeço à equipe MusiMid pelo convite para organizar o dossiê e desejo a todos uma leitura prazerosa em múltiplas telas.

Além do dossiê, este volume conta com outras contribuições valiosas. A primeira delas dedica-se a estudar um episódio nefasto do qual um músico prestigiado teve papel relevante, como ativista político e, ao final, como uma das vítimas brutalmente assassinadas: Em *Victor Jara e a Revolução Latino-Americana: a canção engajada chilena entre a ditadura militar (1973) e o estallido social (2019)* Luís Felipe Machado de Genaro, doutorando em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) analisa a canção *El Derecho de Vivir En Paz*, do cantautor chileno Victor Jara, vítima fatal do governo Aliende. Por meio de uma análise histórico-crítica, Genaro desvela uma narrativa que põe em jogo os eixos temporais: o tempo passado – a ditadura militar – no tempo presente – o *estallido social* de 2019.

Juan Fernando Velásquez Ospina, da Universidade de Antioquia comenta o livro *Cidades vibrantes: experiência sonora e urbana na América Latina*, organizado por Natalia Bieletto-Bueno (2020). A obra aborda, sob óticas diversas as “múltiplas, e muitas vezes contraditórias, relações que existem entre som, escuta e espaço público na cidades latino-americanas”. Proporciona, assim, uma revisão crítica a respeito das “novas formas de compreender a cidade e aqueles que a habitam”.

Em *Nota em homenagem à soprano Niza de Castro Tank e sua atuação na Rádio Gazeta de São Paulo* Juliana Marília Coli, cantora lírica e docente junto à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) apresenta uma nota biográfica em homenagem a Niza de Castro Tank (1931-2022). Renomada cantora e professora – também de Coli – o soprano teve atuação relevante na Rádio Gazeta de São Paulo, particularmente, na década de 1950. É sobre essa faceta da carreira artística de Tank que discorre o texto.

Por fim, toma a palavra Sami Douek, engenheiro acústico e pesquisador-colaborador do MusiMid. Em *A música digital é uma abstração consciente!*, Douek dialoga com Heloísa Valente sobre muitas das questões relacionadas à escuta de música mediatizada tecnicamente, visitando alguns dos pensadores da música que consideraram a natureza sonora da música: formas de consumo e consequências éticas e estéticas.

Esperamos que a leitura deste volume traga muitas informações preciosas e novas inquietações acadêmicas.

Boa leitura.

Heloísa de A. Duarte Valente (editora-chefe)

Jhonatan Alves Pereira Mata (editor convidado)

Referências

- Garret, Filipe, 2020. Relembre a evolução do streaming de vídeo e música entre 2010 e 2020. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-a-evolucao-do-streaming-de-video-e-musica-entre-2010-e-2020.ghtml>.
- Genette, G.1997. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge University.
- Jost, F. “Qual O Melhor Paradigma Para Se Interpretar Os Gêneros Televisivos?”. *Intexto*, nº 34, dezembro de 2015, p. 28-45, doi:10.19132/1807-8583201534.28-45.
- Machado, A.1997. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus.

Mata, Jhonatan; Amato, Marcos V; Amaral, Clara. O videoclipe saiu da TV ou a TV entrou no videoclipe? Performances de um televisor -personagem a serviço da música. In: 17º Encontro Internacional de Música e Mídia
<<https://www.doity.com.br/anais/17musimid/trabalho/210860>

Valente, Heloísa de A. D. As vozes da canção na mídia. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2003.

“C’est la romance de Paris, sous le ciel de Paris!”: as formas de mediatização da música e os mecanismos de memória”. XV Congresso da IASPM-AL: “Fronteiras, rotas e horizontes na música popular na América Latina” Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso; Valparaíso, 2023.